

Rupturas performáticas no campo médico: as consequências de postagens *online* na vida *offline*¹

Georgia Simonelly Nascimento TRIBUZI²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ

Resumo

Os sites de redes sociais podem ser considerados o ponto focal da nossa cultura contemporânea, eles configuram-se como espaços privilegiados de observação nos quais as relações pessoais e profissionais misturam-se, ajustando os modos de vida e as subjetividades a partir de uma lógica *online/offline*. Com o crescimento do marketing médico, os Conselhos Regionais de Medicina (CRM) estão lidando com uma inédita forma de comunicação entre médicos e pacientes, que tem causado mudanças velozes neste campo profissional e sido responsável por fazer emergir casos de rupturas performáticas a partir de *posts* na internet. Com base na análise exploratória de três casos, que ganharam repercussão midiática, objetiva-se responder quais os sentidos e propósitos dos sujeitos ao publicarem estes conteúdos.

Palavras-chave: rupturas performáticas; médicos; redes sociais; performance.

Introdução

"Hoje, o primeiro passo de alguém que tem uma dor é procurar informações na internet"³, assegura Hiram Baroli, jornalista e autor do livro “Marketing essencial para médicos”, publicação na qual divide sua experiência de quatorze anos ao ajudar esses profissionais a promover seus trabalhos no ambiente digital. Convictos dessa realidade, os médicos sabem que se a pessoa encontra informação sobre o que precisa, eles já estão na vanguarda dos seus concorrentes.

Na conjuntura contemporânea, “os sites de redes sociais (SRSs) [...] se tornaram um dos grandes centros das atenções na alta modernidade, seja no âmbito acadêmico, mercadológico, político ou social” (PEREIRA DE SÁ e POLIVANOV, 2012, p. 575) e têm sido largamente utilizados no campo da saúde. Podemos afirmar que essas

¹ Trabalho apresentado no GP Tecnologias e Culturas Digitais, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói - RJ – E-mail: georgia_simonelly@hotmail.com.

³ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/06/principal-marketing-para-medico-nas-redes-e-levar-informacao-diz-especialista.shtml#_=_. Acesso: 13/06/2022.

transformações ainda em curso, no que Deleuze (2010) denominou como sociedade de controle, estão contribuindo com o desenvolvimento do marketing médico, “especialidade que vem gerando uma demanda crescente no mercado da comunicação e publicidade, e está atribuindo novas funções e valores à atividade médica, a partir da necessidade do empreendimento de si” (TRIBUZI, 2022, p. 3).

“Divulgar informações sobre saúde é a melhor forma de médicos construírem a sua reputação nas redes sociais”, esse é o conselho de Baroli. No entanto, a recomendação do especialista parece não estar sendo bem compreendida por muitos profissionais do setor, que estão protagonizando casos de fissuras imagéticas que geram significativa visibilidade na mídia, polêmicas na internet e consequências práticas no cotidiano desses sujeitos, que podem até incluir processos no âmbito judicial.

Situações como essas têm sido tão recorrentes que o Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp) lançou um guia de boas práticas⁴, com orientações para utilização das plataformas digitais. O material, publicado este ano, aborda o conceito de mídias sociais, suas funções, traz regras básicas sobre confidencialidade e consultas médicas, dicas de como escrever, o que curtir, compartilhar ou comentar e um capítulo totalmente dedicado a mostrar as diferenças entre perfil pessoal e profissional. Souza *et al.* (2017) enfatizam que com a emergência desses dispositivos tecnológicos um inédito tipo de relacionamento entre médicos e pacientes está surgindo, sendo fundamental que as instituições de ensino revejam os aspectos da formação dos estudantes da área.

O objetivo desse artigo é analisar casos de rupturas performáticas no campo médico a partir das controvérsias geradas em SRSs e suas consequências na vida *offline* dos atores envolvidos. Pretende-se refletir a partir da análise exploratória de três casos, que ganharam repercussão midiática, quais os sentidos e propósitos dos indivíduos ao publicar estes conteúdos e observar se existem indícios de uma possível relação entre o modo de funcionamento das plataformas e as rupturas nas performances observadas.

Busca-se a partir dos apontamentos iniciais aqui construídos, contribuir com as discussões acadêmicas a respeito das rupturas performáticas nas plataformas digitais e inserir nos debates do Grupo de Pesquisa “Tecnologias e Culturas Digitais”, um sintético ângulo do meu tema principal, que é a *tiktorização das profissões*, objeto da minha recém iniciada pesquisa de doutorado.

⁴ Disponível em: <http://www.cremesp.org.br/library/modulos/flipbook/publicacao/73/7/index.html#zoom=z>. Acesso em: 13/06/2022.

Rupturas performáticas no campo médico

Na obra intitulada “A representação do eu na vida cotidiana”, o sociólogo e antropólogo Erving Goffman (1975), aborda as relações sociais através do comportamento humano e suas manifestações. Tomando como ponto de partida a perspectiva teatral, o autor vai estudar as várias maneiras de representação que o homem utiliza para apresentar-se em sociedade.

Desse modo, o papel que o indivíduo representa e a plateia são, na ótica de Goffman, os elementos básicos da vida real. Esses dois componentes são fundamentais para compreender os casos de rupturas que serão abordados ao longo deste ensaio. Vale lembrar que o trabalho realizado pelo teórico canadense foi baseado na observação de interações que ocorriam face a face, ou seja, de forma presencial, porém mesmo com essa grande diferença, muitas das suas contribuições podem ser adaptadas para as relações que acontecem de modo virtual, em outras palavras, no ambiente online das redes sociais.

O sociólogo define a representação como “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1975, p. 29). Com base nessa reflexão, a representação funciona como uma espécie de auto apresentação que é sempre dirigida para uma plateia (*op. cit.*) ou para o “olhar alheio” (SIBILIA, 2015). A fachada também é um aspecto importante a ser considerado na obra do autor, sobre esse tópico ele comenta:

Será conveniente denominar de fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação. Para fins preliminares será conveniente distinguir e rotular aquelas que parecem ser as partes padronizadas da fachada (GOFFMAN, 1975, p. 29).

A representação relaciona-se intimamente com a construção de um papel social, cada ator (ainda que ocupando uma mesma profissão, por exemplo) pode agir de formas

distintas na sua atuação, a depender do cenário que ocupa, do público que o observa e das demais variáveis presentes durante a sua performance.

Pode-se afirmar que o relacionamento entre médico(a) e paciente é pautado por uma série de expectativas e ideias pré-concebidas em relação ao que é previsto no papel de cada um desses sujeitos; assim sendo, a ética, o respeito e o sigilo profissional são condições indispensáveis para exercer a medicina. Por esse motivo, essas características precisam fazer parte da performance exibida pelo trabalhador da área de saúde, já que a exigência das qualidades descritas se torna um consenso tanto na sociedade quanto nos regulamentos que pautam os Conselhos Regionais de Medicina (CRM).

Diante desse cenário, os médicos precisam gerenciar a comunicação com seu público – através da sua performance, seja virtual ou presencial – tendo como pressuposto básico os três pilares citados acima, levando em consideração também o seu código de ética que apresenta muitas especificidades. Eis o grande desafio deste campo quando pensamos na gestão de mídias digitais, reunir o mundo de possibilidades interativas e as ferramentas estéticas presentes nas plataformas de interação na internet com os atributos que devem nortear sua prática ocupacional, isto é, equilibrar os elementos do universo *offline* com aqueles do *online*.

Este palco de constantes e velozes transformações que caracteriza o contexto contemporâneo, constitui-se em um prato cheio para a explosão das cenas de rupturas na performance de si mesmo que estamos presenciando com cada vez mais frequência através das redes sociais. A definição de rupturas performáticas aqui adotada, ancora-se nas contribuições de Polivanov e Carrera (2019, p. 78), que as definem como “intencionalidades na performance de si que não ocorrem como esperado”, que provocam “incongruências performáticas e constrangimentos interacionais”, a partir “das novas nuances e dinâmicas de apresentação de si que os SRSs trazem” (*op. cit.*, p.85).

Em conformidade com o trabalho das pesquisadoras, que buscaram discutir episódios de rupturas na performance a partir do entendimento dos diversos actantes envolvidos, compartilha-se do pensamento de que atores humanos e não humanos (LATOUR, 2012) são importantes mediadores nos processos de apresentação de si, principalmente no âmbito digital. Segue um trecho basilar a respeito desse raciocínio,

Colocar, portanto, os objetos como ativos e tão agenciadores das ações e dos comportamentos quanto os sujeitos é percebê-los para além de uma composição de ‘cenário’ em prol de

apresentações de si [...] a partir de uma descrição dos coletivos sociotécnicos que constroem a nossa percepção de um todo diverso e significativo. Esses coletivos abarcam uma heterogeneidade de modos de existência que admitem à natureza e aos objetos técnicos um papel mais complexo do que a simples instrumentalização humana. Eles também são e formam o que se entende por sociedade (POLIVANOV e CARRERA, 2019, p. 77/78).

Esfera privada versus esfera pública

De acordo com Paula Sibilia (2016), na modernidade surge a noção de espaço privado, garantindo ao sujeito moderno condições de produzir sua própria subjetividade e de “desenvolver o eu”, já que esse ambiente favorecia a intimidade. No livro o “Show do Eu”, a antropóloga (*op. cit.*) faz um relato que mostra como as cartas e diários íntimos foram sendo esquecidos para dar espaço aos blogs na era da internet. Hoje, os diários online perderam a visibilidade de outrora, cedendo lugar aos sites de redes sociais, que costumam concentrar relatos cotidianos dos usuários ou os famosos “textões”, muitos deles com teor de desabafo ou confessionais, tais como eram caracterizados os diários. Para a autora, além do meio em que são disseminados tais textos, há uma diferença crucial na publicação de relatos pessoais na internet, além claro da exibição pública, a interação é um componente primordial das selfies publicadas nas redes sociais e dos vídeos lançados diariamente. Dessa maneira, a condição de relato íntimo é alterada significativamente.

A tela de nossos computadores não é tão sólida e opaca como os muros dos antigos quartos próprios; em vez disso, parecem janelas abertas ao público. Por outro lado, a distância espacial e temporal com relação aos leitores ou espectadores tem encolhido sensivelmente” (SIBILIA, 2016, não paginado).

Essa distinção entre esfera privada e pública, entre narrativas *offline* e *online*, entre interações face a face e aquelas mediadas pelas telas interconectadas de celulares e computadores é essencial para compreender as performances contidas nos ambientes digitais e até mesmo constitui-se enquanto caminho possível para analisar alguns casos de rupturas performáticas ocorridos na cena vigente.

Além da chave descrita acima, investigar as particularidades das plataformas digitais onde essas representações acontecem, também pode permitir encontrar

significados e propósitos nas ações dos sujeitos. Posto que, de acordo com Polivanov e Carrera (2019), existem especificidades nos ambientes *online*, cujas interações ocorrem de forma assíncrona e não presencial.

As autoras destacam quatro características essenciais dos SRSs, elencadas a partir da obra de Boyd (2008, *apud* POLIVANOV e CARRERA, 2019, p. 82), a saber: persistência, buscabilidade, replicabilidade e audiências invisíveis. A persistência significa que “a comunicação mediada é gravada para posterior acesso”, o que permite estender “o período de existência de qualquer ato de fala”. Já a buscabilidade é a capacidade de encontrar as informações e/ou rastros, prática facilitada no ciberespaço, diferente da conjuntura sobre a qual Goffman (1975) debruçou-se.

Nesse sentido, o acesso a registros antigos, por exemplo, que podem desacreditar uma representação recente ou até mesmo deslegitimar um ator em interação, é uma qualidade difícil de existir na comunicação face a face, assim como a da ‘replicabilidade’, que dificulta o discernimento do que é original do que é cópia (POLIVANOV e CARRERA, 2019, p. 82).

Sobre as audiências invisíveis Boyd (2008, *op. cit.*) destaca que é “complicado mensurar quem é o público daquilo que se diz no ambiente mediado da comunicação digital”, já que não é possível estabelecer contato visual entre as pessoas que fazem parte da interação.

Breves apontamentos metodológicos

Esta pesquisa é proveniente do estudo de três casos de rupturas performáticas que tiveram destaque midiático, vale destacar que a análise realizada possui caráter exploratório e qualitativo. Os dados utilizados foram coletados a partir das seguintes fontes: 1- os rastros digitais (BRUNO, 2018) localizados no Twitter através da ferramenta de pesquisa do aplicativo; 2- notícias publicadas em portais como G1, Metrôpoles e TNH1; 3- matérias exibidas em emissoras de TV que foram localizadas na busca do Google ou através de postagens no Twitter; 4- comentários dos internautas disponíveis no material selecionado. Os termos utilizados nessas buscas foram o nome completo das três profissionais envolvidas em tais controvérsias. Essa escolha justifica-se porque as

páginas originais onde os conteúdos haviam sido compartilhados foram desativadas pelas usuárias.

Caso 1 – Caren Trisoglio

O perfil de Caren Trisoglio Garcia poderia ser comparado ao de um(a) *influencer* se fossem levados em conta os números: 636 mil seguidores e 11 milhões de curtidas no TikTok. Resultados bastante expressivos se considerarmos que sua atividade profissional não é produzir conteúdo para as redes digitais e sim realizar procedimentos cirúrgicos, uma vez que ela é cirurgiã plástica.

A médica, que atende em Ribeirão Preto (SP), ganhou destaque na internet ao postar vídeos compartilhando sua rotina de trabalho, no entanto, ela ficou ainda mais conhecida nacionalmente após publicar um vídeo no qual exibia pele e gordura humanas com a legenda “Troféu de hoje”. O episódio, ocorrido em abril de 2021, repercutiu na mídia e foi notícia em sites como G1, Metrôpoles, R7 Entretenimento, A Gazeta, TSF Rádio Notícias, entre outros, além de claro, viralizar nas páginas das redes sociais.

Somente a notícia postada no Twitter do portal Metrôpoles teve 5.331 curtidas, 4.015 *retweets*, 721 comentários e o vídeo que foi repostado acumulou mais de 798 mil *views*. A maior parte dos comentários apresentavam teor de repúdio a atitude de Caren, acusando-a de ser antiética, sem noção, não ter profissionalismo, solicitando a perda do seu CRM e diploma e alguns até mesmo apontando traços de sadismo no seu comportamento; isso porque nas imagens ela dança (vide figura 1), sorri ao segurar resíduos humanos que haviam sido retirados durante uma cirurgia e enquanto faz sua performance vai sendo exibida a seguinte legenda:

Prazer meu nome é Caren, meu trabalho é médica cirurgiã plástica, minha especialidade é *Lipo Lad* com seringa, mas eu gosto mesmo é de fazer mama com gordura e bunda de gordura, opero em Ribeirão Preto – SP, TROFÉU DE HOJE (imagem de um pedaço de gordura humana, seguido de emoticons com corações e língua de fora), FAZER MAMA SEM LIPO DE AXILA... é tipo COMPRAR um biquini PP para uma bunda EG, essa é a mama, essa é a lipo de axila (mostrando o material de origem humana em sacolas plásticas) (METRÓPOLES, 2021).



Figura 1. Fonte: Youtube.

No vídeo há uma indicação por escrito que se trata de um “informativo exclusivo para aspecto educacional Dra Caren Trisoglio Garcia CRM 146643”⁵. Após a repercussão negativa, o Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo suspendeu temporariamente seu registro profissional e a médica passou a ser condenada pelo tribunal da internet.

Seu perfil foi excluído e além da polêmica gerada em torno da sua performance, surgiram também problemas na esfera judicial, segundo o JusBrasil⁶ foram encontrados 16 processos ligados à Caren, “os pacientes a acusam de erro médico ou negligência”, segundo apuração do site Metrôpoles⁷, que divulgou que uma das autoras dessas ações decidiu processar a médica após ver no noticiário outros relatos negativos sobre sua conduta de trabalho.

Pode-se concluir a partir dos fatos narrados, que a visibilidade alcançada pela médica no TikTok foi o ponto de partida para que seu papel profissional fosse questionado, causando uma ruptura na sua coerência expressiva (PEREIRA DE SÁ e POLIVANOV, 2012), ao violar os preceitos do código de ética ao qual deve seguir.

Além disso, não podemos ignorar o papel das diretrizes da plataforma chinesa, que incentiva a produção de vídeos com uma estética muito peculiar. Afinal ao assistir a

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DTQ6x_OASRO&t=7s. Acesso em: 06/05/2022.

⁶ Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/processos/nome/182124285/caren-trisoglio-garcia>. Acesso em: 03/07/2022.

⁷ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/cirurgia-que-fez-videos-com-pele-de-pacientes-e-processada-por-erro-medico>. Acesso em 23/06/2022.

performance de Caren quem pode dizer que ela não estava se divertindo? Isto é, seguindo exatamente a cartilha da empresa, que tem como missão “inspirar a criatividade e trazer alegria⁸”. Esse aspecto diz muito a respeito do papel dos agentes não humanos (recursos tecnológicos) que fazem parte do cenário no qual a representação foi montada, os vídeos produzidos pela cirurgiã são repletos de efeitos, filtros, músicas, desafios, *trends* e soluções próprias para cumprir o propósito do *app*.

A soma desses artifícios técnicos junto ao modo de funcionamento do TikTok parece estar colaborando para a explosão do fenômeno da *tiktorização das profissões*, um tema pouco tratado no âmbito acadêmico, mas que está gerando discussões nas páginas das redes sociais. Ao analisar os rastros digitais (BRUNO, 2018) do antigo perfil de Caren, nota-se que o uso que ela fazia da plataforma seria um exemplo claro dessa *tiktorização*, que parece ter alcançado todos os setores da nossa vida e do nosso trabalho.

Caso 2 – Ana Carolina Nobre

No último mês de fevereiro, a estudante de medicina Ana Carolina Nobre Leite foi responsável por causar uma polêmica devido ao conteúdo de algumas postagens realizadas nos *stories* da sua página no Instagram⁹. Ela reclamou da chegada de uma paciente durante o seu plantão na Unidade Mista Dr. José Carlos de Gusmão – que fica em Marechal Deodoro, município localizado no estado de Alagoas – onde atuava como estagiária. O que motivou sua insatisfação foi o horário em que a mulher deu entrada na unidade, pois seria perto da sua pausa de descanso.

Segue a íntegra do texto: “Faltando 10 min para minha hora de dormir, chega mulher infartando e com edema agudo de pulmão, e agora já passou 1:30 da minha hora de dormir, tô puta”, ao fundo da legenda ela compartilhou a foto da ficha médica, onde era possível identificar o nome da paciente e até os medicamentos que ela havia utilizado. A acadêmica postou ainda atualizações ironizando o desfecho da situação, ela publicou uma *selfie* na qual faz uma expressão sarcástica, acompanhada por um gesto com o dedo polegar com a legenda: “Atualizações: a mulher morreu e eu não dormi” (figura 2).

⁸ Disponível em: https://www.tiktok.com/about?lang=pt_BR.

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/al/alagoas/noticia/2022/03/28/veja-o-que-se-sabe-sobre-o-caso-da-estudante-de-medicina-que-ironizou-morte-de-paciente-em-alagoas.ghtml>. Acesso em: 29/06/2022.

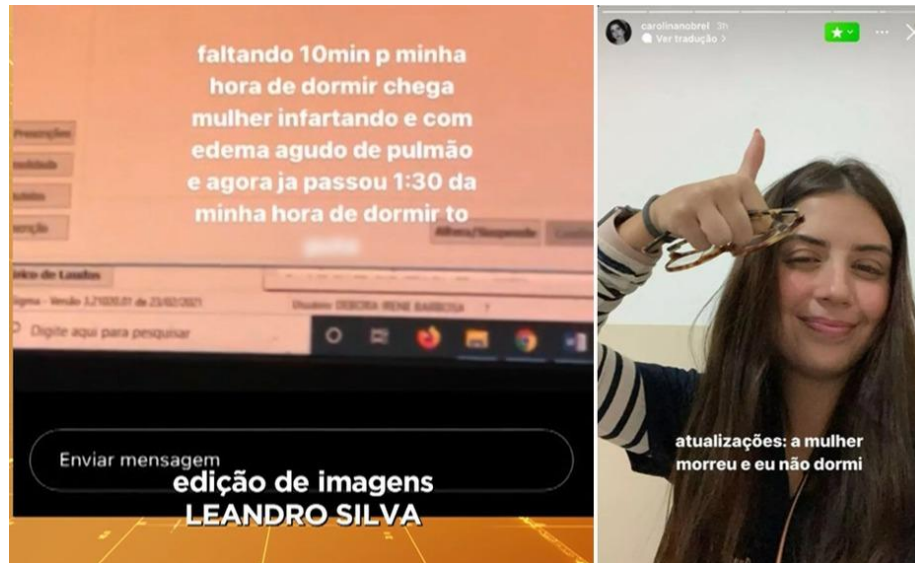


Figura 2. Fonte: TV Gazeta Alagoas/ G1 Alagoas.

O caso ganhou repercussão na TV Gazeta, afiliada da Rede Globo em Alagoas e foi publicado no portal de notícias G1, causando indignação e revolta de muitas pessoas. Segundo as informações divulgadas na reportagem da emissora, essa não teria sido a primeira vez que Ana Carolina fez postagens polêmicas nas redes sociais, o vídeo exhibe uma foto publicada no seu perfil que mostra uma ficha médica com a frase: “Nunca sejam essa pessoa”.

André Falcão, coordenador do curso de Medicina do Centro Universitário Cesmac, instituição na qual a jovem cursava o 9º ano do curso, afirmou em entrevista à TV Gazeta, que os estudantes de medicina devem seguir um código de ética específico, cujas normas devem ser respeitadas em todas as fases da sua formação, ele disse ainda que a empatia é condição *sine qua non* de qualquer profissional da área de saúde. A universitária foi desligada do estágio e a gravidade dos seus atos seria avaliada pelo colegiado do curso, assim como uma possível punição. O Conselho Regional de Medicina de Alagoas informou, na ocasião, que iria averiguar o fato.

O perfil onde foram feitas as publicações foi desativado e a protagonista de toda essa polêmica não quis se pronunciar, ao ser contactada pelo G1 fez xingamentos e desligou o telefone, segundo as informações publicadas pelo site de notícias. Um fato interessante nesse caso é que o conteúdo havia sido postado com o filtro de “melhores amigos”, um recurso do Instagram que possibilita exibir os *posts* somente para pessoas

escolhidas pelo gestor do perfil. No entanto, o que possivelmente foi uma surpresa para a acadêmica é que apesar da restrição, o conteúdo extrapolou os limites de exposição que ela havia pré-definido, porque “os alunos do curso visualizaram as fotos, se revoltaram e denunciaram os prints¹⁰”.

Essa controvérsia é um exemplo claro do elo existente entre os atores humanos e não humanos, ou actantes nos termos da teoria ator-rede de Bruno Latour (2012), que fazem parte do modo de funcionamento das redes sociotécnicas. A universitária confiou no recurso tecnológico que lhe permitia filtrar quem poderia ter acesso a esses *stories*, porém ela desconsiderou a possibilidade de uma ação negativa ou inesperada da sua plateia selecionada, que foi justamente o fator responsável por espalhar essa informação na internet e consequentemente causar essa rachadura na sua imagem enquanto estagiária da unidade.

A partir desse episódio houve uma quebra de expectativa entre o papel social a ser desempenhado por um médico(a) e a atitude da estudante, que emitiu uma imagem incongruente com a sua função para a plateia. Prova disso é que sua audiência “visível” (os amigos que haviam sido selecionados para ver o conteúdo) foram o estopim para essa rasura na representação da jovem, que também terá que lidar com as questões jurídicas decorrentes da sua ação, já que a família da paciente recorreu a um advogado para punir os responsáveis pelo caso.

Caso 3 – Mariana de Lima

O terceiro caso de ruptura performática aqui abordado é recente, aconteceu em maio, quando a médica Mariana de Lima Alves publicou mensagens no Twitter com insultos a pacientes¹¹, que buscaram atendimento na Unidade de Pronto Atendimento (UPA) em que ela trabalhava, localizada em Almirante Tamandaré, região metropolitana de Curitiba. Em um dos *posts*, realizado em 21/05/22, a plantonista reclama da paciente que procurou a UPA na madrugada devido a uma infecção urinária, no texto são utilizadas

¹⁰ Disponível em: <https://www.tnh1.com.br/noticia/nid/estudante-de-medicina-e-suspensa-de-estagio-apos-expor-e-ironizar-paciente-a-mulher-morreu-e-eu-nao-dormi/>. Acesso em: 02/06/2022.

¹¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/05/24/medica-que-xingou-pacientes-em-rede-social-se-desculpa-reconhece-erro-e-diz-que-indignacao-foi-pensando-no-bem-estar-geral-dos-pacientes.ghtml>. Acesso em 01/06/2022.

palavras grosseiras e ofensivas para referir-se a uma pessoa que estava com a saúde debilitada (a postagem foi reproduzida na figura 3).



Figura 3. Fonte: G1 Paraná.

Além da mensagem acima que causou muito barulho no Twitter, outras publicações antiéticas da jovem também vieram à tona. Seguem os comentários na íntegra: (1) “Gente qual a tara de vir no pronto socorro num feriado por uma coisa que você já tá sentindo há mais de 30 dias” – 17/04/2022. (2) “Hoje o paciente virou para mim e disse ‘o meu problema é que tenho 2 amígdalas’. Amígdalas is the new ‘eu tenho tireoide’” – 11/05/22. (3) “As gestantes são tudo referenciadas de maternidade porta aberta E VEM PRA UPAAAAA QUANDO COMEÇA A PARIR PQP MULHER ME DEIXA EM PAAAAAAZ” – 17/05/2022.

Obviamente depois de tamanha repercussão, os internautas não economizaram críticas nos comentários sobre as postagens da médica. O perfil em questão também foi apagado e a profissional desculpou-se por meio de uma mensagem enviada ao G1, um dos sites que publicou o assunto. Ela reconheceu que errou pela forma como escreveu as mensagens e comunicou que “as mensagens foram escritas em desabafo em momento de estresse e cansaço”, pois pensando no bem-estar dos pacientes sempre se preocupou “que pessoas com sintomas que deveriam ser tratados em UBS e serviços ambulatoriais pudessem causar filas que gerassem risco ao atendimento de pessoas em situações de urgência/emergência”.

Mariana foi suspensa das suas atividades para apuração do caso e tornou-se objeto de sindicância do Conselho Regional de Medicina do Paraná. O que chama atenção nesta

situação é que as declarações surpreenderam seus colegas de trabalho, já que sua conduta médica era diferente do teor das postagens, uma vez que ela “sempre atendeu todos os pacientes com muito respeito e simpatia, sem reclamações por parte da população¹²”.

Tanto na situação anterior quanto nesta, nota-se uma ausência de distinção entre o que pode ser dito no âmbito privado – em uma situação presencial entre seus pares, por exemplo – e aquilo que não deve ser exposto na esfera pública, visto que o conteúdo produzido nas redes sociais passa a ser consumido por audiências invisíveis como foi dito anteriormente.

Em consonância com essa ideia, alguns comentários feitos por usuários das redes sociais parecem confirmá-la, como por exemplo o ponto de vista apresentado por @joliamedeiros, que escreveu no Twitter¹³: “Único erro da dra mariana foi ter twitter aberto”. Outras opiniões estão alinhadas com esse pensamento de que o comportamento da médica é normal, sendo reproduzido em diversas situações do cotidiano, “certamente ninguém aqui reclama do público que atende. Professor não xinga aluno no off, vendedor não xinga comprador... a internet cobra uma ética que o povo nunca teve na vida real”, disse @the_mindstone_, compartilhando essa mesma noção da performance em discussão, finalizou @eupeterr: “Ué todo mundo reclama do trabalho, não entendi o motivo do exposed já que ela n expôs paciente nenhum. O médico branco que era sorofóbico ninguém expôs assim...”.

Considerações finais

Ao analisar os casos de rupturas aqui expostos fica evidente a existência de um conflito de valores morais, éticos e profissionais presente nos três casos, que causam manchas na imagem das profissionais que podem acompanhá-las por muito tempo, uma vez que mesmo desativando os perfis onde essas controvérsias surgiram, os registros dessas ações podem ser facilmente encontrados através da buscabilidade que caracteriza os SRSs, conforme destacou Boyd (2008, *apud* POLIVANOV e CARRERA, 2019).

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/05/24/prefeitura-de-almirante-tamandare-afasta-medica-que-usou-rede-social-para-xingar-paciente.ghtml>.

¹³ Esses comentários foram coletados na publicação do PAN (@forumpanlr), que *retweetou* a reportagem exibida pelo Fala Brasil da Rede Record e teve 225 comentários sobre o caso da médica Mariana de Lima. Disponível em: <https://twitter.com/forumpanlr/status/1529114009823215619>.

É interessante observar como nos três episódios há uma quebra do que Polivanov e Carrera (2019) chamam de adequação comportamental, que se seria justamente “a maneira com a qual o indivíduo se apresenta ao outro”, observando “os limites dos seus direitos e deveres dentro da proposta comunicativa”. Em todas as situações há uma clara inobservância aos preceitos éticos que regulam a profissão; nas rasuras protagonizadas por Mariana e Ana Carolina percebe-se uma inapropriada falta de distinção entre o espaço privado e público, que parece ser a raiz da inadequação dos seus discursos e condutas perante a opinião pública.

Na perspectiva de Goffman não podemos afirmar que as performances em questão são inautênticas, ao contrário, o que parece chocar e ser motivo de tamanho estranhamento e revolta é justamente o fato delas serem verdadeiras em excesso. Ao analisar os vídeos e o contexto, a motivação da cirurgiã era enfatizar sua capacidade de modelar corpos, extraindo deles os “troféus”, ou melhor, as gorduras indesejadas.

Nos dois casos mais recentes, uma possível chave para tentar compreender as motivações das atrizes (nos termos Goffminianos) seria demonstrar insatisfação com algumas situações que pareciam-lhes inoportunas, talvez até gerando uma compreensão/identificação por parte de seus pares que poderiam compartilhar dos mesmos “problemas” – não conseguir desfrutar do seu momento de pausa durante o plantão ou precisar atender demandas distintas daquelas esperadas para um pronto-socorro, que seria especializado em receber casos de urgência/emergência.

É possível concluir, principalmente ao debruçar-se sobre os casos 2 e 3 – que a solução normalmente sugerida por especialistas, de separar o perfil pessoal do profissional não consegue mais dar conta dos complexos problemas contemporâneos que envolvem a performance de si nas redes sociais e das controvérsias que podem ser motivadas a partir de uma “simples” postagem online.

Referências

BRUNO, Fernanda. Visões maquínicas da cidade maravilhosa: do centro de operações do Rio à Vila Autódromo. In: BRUNO, Fernanda et al (org.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

DELEUZE, G. **Post-scriptum sobre as sociedades de controle.** In: Conversações. São Paulo: Ed. 34, 2010. p. 219-226.

GOFFMAN, E. 1975. **A Representação Do Eu Na Vida Cotidiana.** Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

LATOUR, B. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-rede.** Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

METRÓPOLES, Cirurgiã é suspensa após compartilhar vídeos com peles de pacientes. **Youtube**, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DTQ6x_OASRQ&t=7s.

PEREIRA DE SÁ, S., POLIVANOV, B. –2012 – Auto-reflexividade, coerência expressiva e performance como categorias para análise dos sites de redes sociais. **Revista Contemporânea** 10 (3): 574-596 doi:10.9771/1809-9386contemporanea.v10i3.6433.

POLIVANOV, B., CARRERA, F. – Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffmann. Porto Alegre, **Revista InTexto**, UFRGS, n.44, p.78-98, 2019. In: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/79810>.

SIBILIA, P. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. In **Revista Fronteiras**. Vol. 17. Nº 3. Porto Alegre: Unisinos, setembro/dezembro 2015.

SIBILIA, P. **O show do eu: A intimidade como espetáculo.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SOUZA, Edvaldo da Silva *et al.* Ética e Profissionalismo nas Redes Sociais: comportamentos online de estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**. Oct-Dez 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n3RB20160096>.

TRIBUZI, G. Comunicação entre médicos e seguidores: o crescimento dos perfis profissionais no Instagram. Fortaleza - CE, **Revista Científica Semana Acadêmica**, edição 220, v. 10, 2022. In: <http://dx.doi.org/10.35265/2236-6717-220-12027>.